



Pernambuco na telinha do Jornal Nacional ¹

Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE

Renata Echeverría ²

RESUMO

Este trabalho se propõe a identificar as Representações Sociais de Pernambuco no Jornal Nacional. A pesquisa tem como objetivo central sugerir uma categorização das notícias sobre Pernambuco exibidas no telejornal da Rede Globo. Nossa preocupação foi buscar entender como é construída a imagem do Estado no noticiário televisivo, para isso recorremos a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, mais especificamente aos conceitos de ancoragem e objetivação, bem como as Teorias do Jornalismo. Na pesquisa foram selecionadas 123 edições do Jornal Nacional, referentes aos anos de 2010 e 2011, num total de 38 reportagens analisadas sobre o Estado de Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; teoria do jornalismo; Jornal Nacional, representações sociais e identidade.

Introdução

Há décadas, a representação do Nordeste brasileiro é tema de ricas investigações fora e dentro da Academia. A grande reportagem do jornalismo investigativo sobre o Nordeste, **Os Sertões** (1906), foi escrita por Euclides da Cunha. Sobre a obra, o pesquisador Cláudio Cardoso Paiva escreveu: “[...] um olhar agudo sobre o interior do Brasil, a partir da Campanha de Canudos e, ao mesmo tempo, definindo um perfil histórico-social, antropológico e político do ser nordestino” (PAIVA, 1999, p.8).

No século XIX, a representação dos nordestinos esteve presente nos romances literários, depois foi conquistando outras linguagens: o teatro, a música e, de forma massiva e mais recente, o cinema e a televisão. Em Pernambuco, a televisão foi inaugurada dez anos depois de ter sido lançada no Brasil.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Jornalista, Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: renataecheverria@uol.com.br.



A teledramaturgia de ficção, as telenovelas, são as que rendem os mais altos índices de audiência nas emissoras de televisão e até muitas análises acadêmicas, mas muito pouco se pode dizer sobre as pesquisas que não tratam da ficção televisiva. As investigações, teses e dissertações que falam das construções narrativas da “realidade”, como denominamos, grosso modo, os programas telejornalísticos, ainda não são suficientemente exploradas.

Em contrapartida, segundo pesquisa divulgada na Folha de São Paulo, no dia 10 de julho de 2011, do Instituto Data Popular, que investiga há 10 anos as classes emergentes, a TV é a principal fonte de entretenimento de 53% da classe C. E é vista não só como fonte de informação, mas de formação. Podemos supor que, num país que tem a televisão como um dos maiores canais de acesso ao entretenimento e a informação, o que “passa” na TV é de grande importância para o cotidiano das pessoas. Sendo assim, entendemos que investir nas pesquisas sobre os noticiários televisivos se mostra extremamente necessário.

Segundo pesquisa do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), realizada em abril de 2010, O Jornal Nacional registra, em média, 29 pontos; cada ponto equivale a 55 mil domicílios sintonizados por dia na Grande São Paulo. Outra informação relevante e não menos importante é de que todos os outros telejornais noturnos, de todas as outras emissoras do país, não têm chegado a dois dígitos no Ibope, o que comprova a importância e confere a massiva audiência do principal telejornal da Rede Globo.

Objeto de estudo

Durante 11 anos, a autora deste trabalho esteve por trás das câmeras, nos bastidores da redação da TV Globo Nordeste. De setembro de 1996 a março de 2007, a pesquisadora exerceu as funções de apresentadora do NE TV 1ª Edição, de repórter, de produtora e de editora de texto, integrando a equipe de todos os telejornais locais da casa, chegando a produzir e editar dois telejornais de Rede (noticiários televisivos exibidos em todo o país), o Jornal Hoje e, em alguns momentos, o Jornal Nacional, exibido de segunda a sábado, às 20h30.

Um dos objetivos da pesquisa foi colaborar de alguma forma, para a construção de uma ponte, de um novo canal de diálogo entre a academia e os profissionais que, na

maioria das vezes, cumprem jornadas extenuantes de trabalho e não têm sequer tempo de refletir sobre ele.

É certo, há os que amam e os que odeiam os telejornais da TV Globo; também há os que os condenam e os que os elegem como fontes confiáveis de informação. Mas, sem a pretensão de formular nenhum tipo de julgamento, e sim como uma observadora que conhece de perto o seu objeto de estudo, parti com essa pesquisa para o que chamamos de uma viagem expedicionária, numa incessante busca ao universo de verdades e inverdades, muitas vezes ditadas e editadas, para entender como se constrói a imagem do Estado de Pernambuco, no Jornal Nacional.

Com base na teoria das Representações Sociais, mais especificamente nos conceitos de ancoragem e objetivação, defendidos por Moscovici (2009) e outros autores, tentamos responder como são construídas as representações sociais de Pernambuco no Jornal Nacional e ao mesmo tempo entender qual a imagem que o telejornal cria de nosso Estado.

Na pesquisa utilizamos a metodologia de análise de conteúdo de caráter etnográfico proposta por (Caseti; Chio, 1999). Durante 20 dias do mês de julho de 2011, estivemos na redação da TV Globo Recife, numa observação-participante junto aos profissionais responsáveis pela produção do Jornal Nacional. Também foram realizadas entrevistas não-diretivas com a diretora de Jornalismo da TV Globo Recife, o editor e produtor do Jornal Nacional, que denominaremos aqui editor 1 e uma repórter de rede, que chamaremos repórter 1. Foram gravadas 123 edições do Jornal Nacional, durante os meses de agosto, outubro, novembro e dezembro de 2010, e dos meses de fevereiro, março, maio, junho e julho de 2011. Das 123 edições gravadas, 38 apresentaram matérias sobre Pernambuco, sendo 39 reportagens e Notas Cobertas exibidas sobre Pernambuco. Na pesquisa foram analisadas 18 matérias, três de cada uma das seis categorias propostas. (Figura 1).

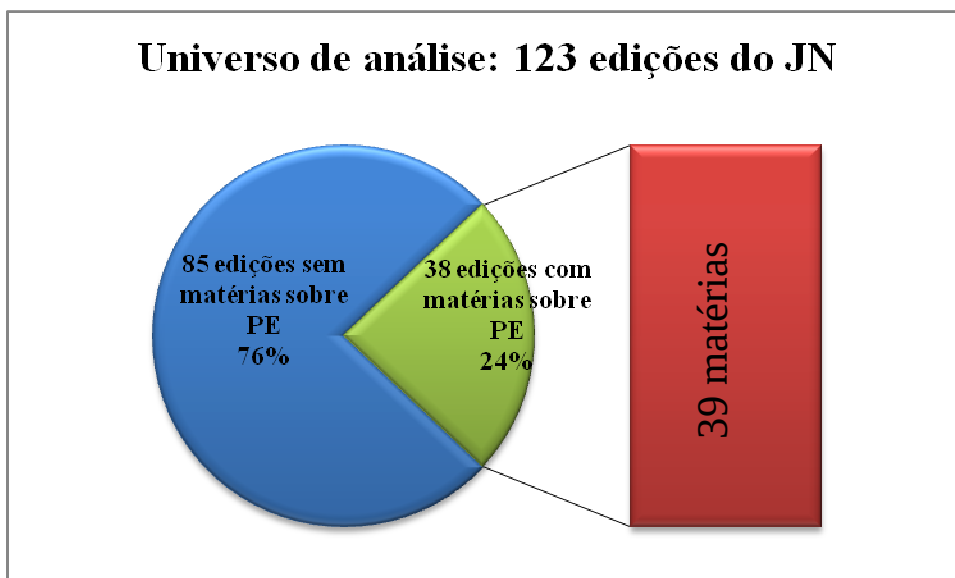


Figura 1: gráfico das reportagens sobre PE exibidas no Jornal Nacional. Fonte: produção do autor.

Depois das matérias selecionadas e analisadas foram propostas seis categorias de reportagens: factual, Pernambuco como modelo, celebridades, manifestações culturais, desastres e serviço público. (Figura 2)

Categorias

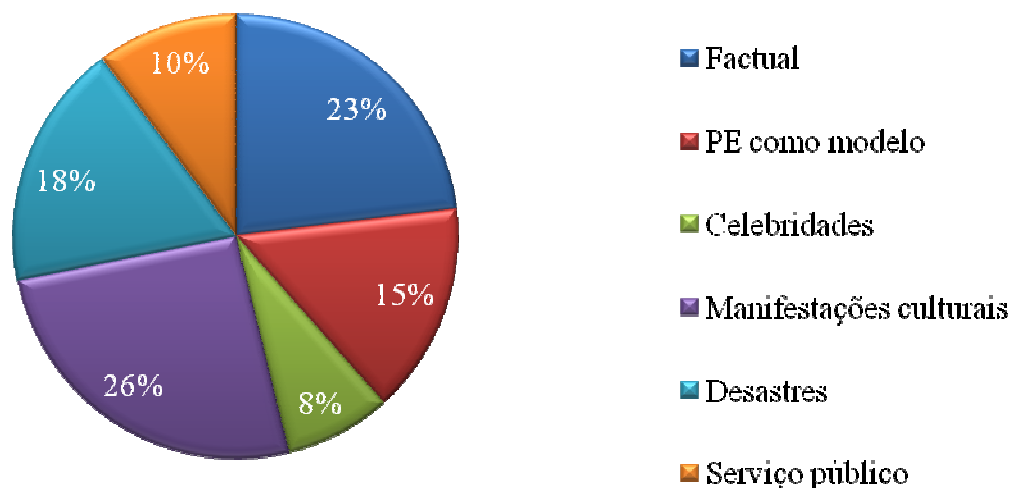


Figura 1: Gráfico com as seis categorias propostas na pesquisa e os percentuais de inserção no Jornal Nacional, em 2010 e 2011. Fonte: produção do autor.

Achamos necessário esclarecer que, em alguns casos, as categorias se relacionam entre si, tornando difícil a definição de suas fronteiras, pois algumas delas apresentam características bastante semelhantes.

Quando perguntamos ao editor do Jornal Nacional em Pernambuco, que tipo de pauta sobre o Estado interessava ao Jornal Nacional, ele respondeu:

Varia conforme o que está acontecendo no mundo. Depende da economia, da política, dos acontecimentos de uma forma geral. Também depende de quem está na direção do telejornal, da concorrência, do que está acontecendo na sociedade... Tudo isso vai definir a pauta do Jornal Nacional daquele dia (EDITOR 1, 2011, informação verbal).

Para a repórter 1, a participação de Pernambuco no Jornal Nacional já foi bem maior. Quando entrou na TV Globo Recife, nos anos 1980, não existia núcleo de Rede em outros estados e ela cobria o Nordeste inteiro: “*Eu chegava a fazer duas, três matérias por semana para o Jornal Nacional, agora a nossa participação é dividida com todos os Estados do Nordeste, e é bem menor*” (REPÓRTER 1, 2011, informação verbal). Segundo ela, os assuntos abordados também mudaram.

Para este artigo apresentaremos apenas três exemplos das categorias propostas: factual, manifestações culturais e serviço público, e destacaremos no texto em negrito, os trechos onde estão ancoradas as representações sociais de Pernambuco no telejornal.

Categoria: factual

Para Traquina (2005), a maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias como tudo o que é importante e/ou interessante na vida: “O principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isso é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenções dos jornalistas” (2005, p. 20). Podemos deduzir, então, que o jornalismo trabalha com os acontecimentos do dia-a-dia, com o que denominamos de “factual”.

No livro **Jornal Nacional**: modo de fazer o apresentador e editor-chefe do programa jornalístico deixa clara a vocação factual do telejornal: “Nossa matéria-prima é aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia. São fatos do dia. Alguns, absolutamente previstos” (BONNER, 2009, p.117). Para Willian Bonner, editor-chefe do Jornal Nacional, os temas factuais são prioridade.

Exemplo: Acusado de assassinar universitário no Recife é julgado



FIGURA 9: Tela mostra nota coberta sobre assassinato do universitário Alcides do Nascimento.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/acusado-de-assassinar-universitario-em-recife-e-julgado.html>> Acesso em: 21 out. 2011.

Nota coberta exibida no dia 14/06/2011

Tempo: 45 seg.

Texto

ALCIDES ESTAVA QUASE SE FORMANDO NO CURSO DE BIOMEDICINA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, DEPOIS DE TER SE CLASSIFICADO NO VESTIBULAR, NO PRIMEIRO LUGAR ENTRE OS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS. HOJE O TRIBUNAL ESTAVA CHEIO. A EX-CATADORA DE LIXO, MARIA LUIZA DO NASCIMENTO VESTIU O JALECO DO FILHO ASSASSINADO. O RÉU, JOÃO GUILHERME NUNES DA COSTA É UM DOS ACUSADOS. O OUTRO É ADOLESCENTE E CUMPRI MEDIDA SÓCIO EDUCATIVA.

A reportagem do julgamento do acusado de ter matado um estudante universitário no Recife ganhou destaque no Jornal Nacional muito mais pelo fato da vítima ser filho de uma catadora de lixo, como também por ele ter passado em primeiro lugar, no vestibular de uma Universidade Federal. O texto segue ancorando o assunto do julgamento e assassinato com o mesmo enfoque: “Alcides estava quase se formando no curso de biomedicina na Universidade Federal de Pernambuco, depois de **ter se classificado no vestibular no primeiro lugar entre os alunos de escolas públicas**”. E ainda: “a **ex-catadora de lixo**, Maria Luiza do Nascimento **vestiu o jaleco do filho assassinado**”. Através dessas expressões e ancoragens, o repórter vai construindo uma

representação social em que predomina um clima de comoção e revolta. O raciocínio por detrás do conjunto das falas do repórter pode ser resumido com a palavra justiça.

Categoria: manifestações culturais

Exemplo: São Francisco renova vida de cidades



FIGURA 18: Tela mostra matéria sobre o Rio São Francisco.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/porcao-nordestina-do-sao-francisco-renova-vida-de-cidades.html>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Matéria da repórter 2

Reportagem exibida no dia 15/06/2011

Tempo: 2min: 6seg.

Texto

SÃO 2,7 MIL QUILÔMETROS DA NASCENTE À FOZ. UM GIGANTE QUE SE ESPALHA POR QUATRO ESTADOS DO NORDESTE E QUE SE IMPÕE ENTRE CÂNIONES. É CAMINHO DE HOMENS QUE SE AVENTURAM SOBRE AS ÁGUAS, ATÉ PARA BOTAR COMIDA NA MESA.

É O CAMINHO DA TRADIÇÃO DAS CANOAS DE TOLDA. A BEIRA DO RIO, ONDE TANTA GENTE ADORA VIVER. “É UMA DÁDIVA DE DEUS. É UMA COISA QUE A GENTE NÃO SABE NEM TEM PALAVRAS PARA AGRADECER”, DESTACOU O DONO DE CANOAS JUAREZ AMORIM.

O RIO INTEGRADO AO COTIDIANO.



**MAS O SÃO FRANCISCO TAMBÉM RENOVA
A VIDA NAS CIDADES. JUAZEIRO, NA BAHIA,
E PETROLINA, EM PERNAMBUCO, SE INTEGRA
NO VAI E VEM DAS BARCAS.**

TUDO FOI ESTUDADO E REGISTRADO PELOS
ESPECIALISTAS DO IPHAN. **O PATRIMÔNIO
CULTURAL QUE ESTÁ EM TORNO DO
VELHO CHICO** AGORA DEVE FICAR MAIS
BEM PROTEGIDO.

**CULTURA QUE SE ESPALHA EM TODO O
SERTÃO MOLHADO E VERDE. O VELHO
CHICO É FONTE ETERNA DE INSPIRAÇÃO
PARA QUEM IMPRIMI NO BARRO E NA
MADEIRA FRAGMENTOS DE UM
PATRIMÔNIO DO BRASIL.**

A matéria sobre o Rio São Francisco mostra o outro lado da diversidade cultural do Estado, que não se apresenta apenas nas manifestações populares das festas de rua e das procissões religiosas, mas também dos seus símbolos geográficos. As realidades que a repórter procura ancorar sobre a imagem do Rio para a região é a marca registrada da identidade do povo Pernambucano. O seu percurso está traçado também no imaginário nordestino e no simbolismo de suas águas. **“O velho Chico”**, como o rio é conhecido, é ancorado nas reportagens produzidas na região como uma das maiores riquezas culturais de Pernambuco: **“Cultura que se espalha em todo o sertão molhado e verde. O velho Chico é fonte eterna de inspiração para quem imprime no barro e na madeira fragmentos de um patrimônio do Brasil”**.

Categoria: serviço público

Silva (2006) discute os conceitos de jornalismo e interesse público e afirma que os dois são, ao mesmo tempo, difusos e correlacionados. Segundo Silva (2006), o conceito mais enxuto de jornalismo seria o de denúncia: “[...] A tarefa primordial do jornalista seria a de denunciar, embora ele possa também, de acordo com as naturais funções do “aparelho formal da enunciação”, construir outros relatos que não o da denúncia” (2006, p. 1).

Para o autor, normalmente, as informações de natureza pública, ou seja, aquelas produzidas por órgãos públicos, organizações e empresas que lidam com o público, não têm apelo midiático: “Nada menos noticiável do que um bom atendimento hospitalar; do que repartições sem filas; do que os órgãos burocráticos funcionando dentro da rotina esperada” (SILVA, 2006, p.11).

Exemplo: Igarassu moderna convive com carências muito antigas



FIGURA 22: Tela mostra matéria do JN no AR sobre problemas urbanos em Igarassu – PE.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/08/moderna-igarassu-pe-convive-com-carencias-antigas.html>>. Acesso em: 19 out. 2011.

Matéria do repórter Ernesto Paglia

Reportagem exibida em 24/11/2010

Tempo: 4min: 16seg.

Texto

FOMOS A ESSA CIDADE HISTÓRICA, MAS COM PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS, QUE FICA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE, EM UMA LONGA JORNADA [...].

O PEQUENO CENTRO HISTÓRICO PARECE UMA CAIXINHA DE JÓIAS. A MAIS PRECIOSA, A IGREJA DOS SANTOS COSME E DAMIÃO, A MAIS ANTIGA AINDA DE PÉ NO PAÍS.

MAS A IGARASSU MODERNA, APESAR DOS SEUS QUASE 500 ANOS DE HISTÓRIA, CONTINUA CONVIVENDO COM PROBLEMAS TRISTEMENTE ANTIGOS. UM DELES, O MAIS GRAVE DE TODOS, É QUE NÃO É



EXCLUSIVIDADE DESTE MUNICÍPIO
PERNAMBUCANO, É A FALTA DE
SANEAMENTO BÁSICO. [...] IGARASSU
MELHOROU O ENSINO, MAS CONTINUA
ABAIXO DA MÉDIA PERNAMBUCANA, QUE
ESTÁ ABAIXO DA MÉDIA NACIONAL.

A reportagem apresenta, logo no início, a falta de saneamento, um serviço público básico à população. O repórter deixa claro, em diversos momentos do texto, o contraste das ancoragens: **“Cidade histórica, mas com problemas contemporâneos”**. Neste outro trecho a objetivação fica evidente: **“O pequeno centro histórico parece uma caixinha de jóias, a Igarassu moderna, apesar dos seus quase 500 anos de história, continua convivendo com problemas tristemente antigos”**. As representações sociais do descaso do poder público com a população vão sendo construídas aos poucos, num paralelo entre a beleza do local e as condições precárias em que vivem os moradores:

A forma como é ancorada a realidade de vida da população, nos parece ser sempre amenizada pela qualidade e privilégio de se viver numa cidade comparada a uma caixinha de jóias. A representação social que o repórter constrói do município, em nossa opinião, maquia a sua dura realidade.

Considerações finais

Segundo Jovchelovitch (2000), as representações sociais são saberes, formas de saber e fazer que circulam em uma sociedade: “[...] que são parte da cultura popular, erudita, científica, que se mesclam e penetram umas nas outras, e emergem como recursos que uma comunidade dispõe para dar sentido a sua realidade e entender seu cotidiano” (2000, p. 177). Encontramos nessa citação outros pontos em comum, entre as duas teorias, que nos apontam uma direção possível para sustentar a hipótese de que o telejornalismo, entre outras funções, cumpre importante papel na construção e formação da identidade de uma nação, como observa Wolton (2004), que os noticiários televisivos funcionam como “laço social”.

Ideia tão cara ao nosso objeto de estudo é também levantada por Jovchelovitch (2000), quando propõe que as representações sociais são processo de mediação social, assim como o jornalismo, em nossa opinião. “É no espaço de mediação entre sujeito social e alteridade, na luta para dar sentido e entender o mundo, que os trabalhos das

representações sociais se encontram. Representações sociais, portanto, emergem e circulam em espaços de intersubjetividade (2000, p. 179).

O campo representacional que emergiu das matérias exibidas sobre Pernambuco no Jornal Nacional, consolidaram, na maioria dos casos, velhas noções em detrimento de novas. Para Guareschi (2009), as sementes de mudança são encontradas no meio essencial das representações sociais que é o aspecto comunicativo e da conversação (2010, p. 70). As ideias se formam, diz Guareschi, enquanto são faladas, através da comunicação, no confronto entre o velho e o novo. Sobre essa interrelação explica Moscovici:

[...] Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não-familiar e perturbado. As representações sociais se mostram transparentes, pois as divisões e barreiras entre mundos privado e público se tornaram confusas (MOSCOVICI, 2009, p. 91).

Na Categoria manifestação cultural, observa-se um investimento maior nas novas formas de representação. A afirmação também é comprovada nas entrevistas com os profissionais que fazem o telejornal no Estado. A repórter 1, que é mineira, diz que Pernambuco para ela está associado à raiz, à cultura, a uma força ancestral:

Penso na colonização, nos holandeses, nas danças e ritmos que vieram ainda das senzalas. Isto remete a Gilberto Freyre, Joaquim Nabuco. A outra memória é mais recente: o músico Lenine, Chico Science, os maestros Forró e Spock, os grupos de maracatu, o bloco do Galo da Madrugada, os forrozeiros e o maior deles, Luiz Gonzaga. A minha referência é a cultura viva das ruas: passistas, batuqueiros, o cidadão anônimo que produz a alma pernambucana (REPÓRTER 1, 2011, informação verbal).

Segundo o editor 1, que é gaúcho, quando chegou para assumir a função aqui no Estado, ele já tinha a ideia de mudar a visibilidade de Recife e de Olinda mostrada no Jornal Nacional:

Mudamos a visão estereotipada que existia antes. A festa de São João, em Pernambuco também virou notícia no Jornal Nacional. Pernambuco me encanta pela força do povo em manter a cultura e as tradições, através de gerações, como o maracatu rural. Mantém tradições há séculos, mesmo na adversidade, lutaram pelo país, têm literatura forte e uma culinária muito típica. (EDITOR 1, 2011, informação verbal).

A diretora de jornalismo da TV Globo Recife, também gaúcha, defende a vocação de Pernambuco na produção de reportagens mais voltadas para o a área de comportamento:

O contexto cultural, as “manifestações culturais” de um modo geral, a música, o folclore, a festa. Estamos mudando a forma de fazer, de contar a

história de Pernambuco. As minhas referências sobre o Estado são: o médico Josué de Castro, o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, o educador Paulo Freire, o jornalista Luiz Beltrão e o escritor Ariano Suassuna (DIRETORA DE JORNALISMO, 2011, informação verbal).

Sendo assim, concluímos que as representações sociais de Pernambuco, presentes nas reportagens da Categoria manifestação cultural, confirmam primeiramente: o comportamento dos profissionais envolvidos na rotina do Jornal Nacional, quanto à referência cultural que eles têm do estado de Pernambuco, como um espaço de festa, de folguedos populares e de forte diversidade cultural. Como afirma Moscovici (2009): “Graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação” (1978, p.28).

O que podemos adiantar, a partir desta pesquisa sobre as Representações Sociais de Pernambuco no Jornal Nacional, é que elas já não são as mesmas, mas ainda assim, carregadas de referências que nos remetem à nossa região. Ao mesmo tempo em que Moscovici (2009) afirma que nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagens e cultura, ele também diz: “[...] do ponto de vista dinâmico, as representações sociais se apresentam como uma “rede” de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente; por isso, mais móveis e fluidas que teorias” (MOSCOVICI, 2009, p. 210).

Jovchelovitch explica (2000) que permanência e diversidade podem estar na estrutura interna das representações sociais enquanto fenômeno. Para Guareschi (2010), esse fenômeno deve levar em conta a repetição de práticas sociais, na permanência de antigos preconceitos e na manutenção do *status quo*. Mesmo com os movimentos de mudanças rápidas na sociedade, muitos elementos estruturantes permanecem praticamente inalteráveis durante séculos. Guareschi (2009) aponta as crenças e os hábitos presentes nas representações sociais, que muitas vezes cria e reproduz relações injustas de dominação.

É dentro desse contexto, extensamente analisado por teóricos de áreas diversas, que as representações sociais ajudam a entender a dinâmica das sociedades. As representações sociais de Pernambuco no Jornal Nacional criam a imagem de um Estado que começa a passar por algumas transformações. Já não somos apenas a imagem da miséria e da seca e também não somos apenas praia e festa. Abriu-se a

possibilidade de construção de um novo olhar sobre o Estado, inserido no contexto político e econômico do país.

Em nossa opinião, a partir desse novo horizonte e através da contribuição de sua difusão pelos canais de comunicação, no caso o Jornal Nacional, da Rede Globo, surgiram novas representações sociais de Pernambuco na tevê. Vemos então como esse outro Pernambuco descortina-se numa perspectiva de mudança ainda maior. É como diz Guareschi (2009): a guerra passa a se dar dentro das representações. E, nesse processo, a comunicação desempenha um papel central: mostrar como se dá essa guerra simbólica.

Segundo Jovchelovitch (2000), as representações sociais produzem certo saber sobre o público e como este saber constrói determinado tipo de realidade social. Diz a autora: “Construções simbólicas sobre a vida pública são também constitutivas do que a vida pública é, investigar sua forma e conteúdo é crucial para avaliar suas possibilidades e limites” (2000, p. 184).

Assim, quando nos propomos, ainda na introdução deste trabalho: conhecer um pouco mais sobre como o telejornalismo constrói a imagem do Nordeste, mais especificamente de Pernambuco, através de suas representações sociais exibidas na tevê pelo Jornal Nacional, concluímos que o telejornal não vende mais uma imagem apenas estereotipada, sempre igual. Apostamos que o Jornal Nacional começa, mesmo que timidamente, a reproduzir novos conceitos e referências que dizem respeito à diversidade e às tradições históricas do povo pernambucano.

Acreditamos que seria extremamente importante se estender este tipo de pesquisa às outras regiões do país, pois tornaria possível se conhecer e identificar as representações sociais das regiões Norte, Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, ampliando a visão de como é construída a imagem do país no Jornal Nacional, e, de alguma forma, a identidade da nação brasileira no telejornal da Rede Globo. Assim haveria a possibilidade de elaborar um mapa representacional do país, dada a forte influência, que de acordo com os institutos de pesquisas apresentadas neste trabalho, o Jornal Nacional exerce na sociedade brasileira.



REFERÊNCIAS

BONNER, Willian. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

GUARESCHI, Pedrinho A., JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**: Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. (org.), Aline Hernandez, Manuel Cárdenas. **Representações sociais em movimento**: psicologia do ativismo político. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. Representações sociais. In: GAURESCHI, P. et al. **Os construtores da informação**: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Os construtores da informação**: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em Abr. 2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PAIVA, C. C. Imagens do Nordeste Brasileiro na idade média: elemento para uma antropologia da ficção audiovisual brasileira. **INTERCOM**: Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Luiz Martins. **Jornalismo e interesse público**. Bauru, São Paulo, 2006

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** - porque as notícias ao como são. Florianópolis: Insular, 2005, 1 v.

_____. **Teorias do Jornalismo** – a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transacional. Florianópolis: Insular, 2008, 2 v.

VIZEU, Alfredo (organizador). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo Eurico; MOTA, Célia Ladeira; PORCELLO, Flávio A.C. (orgs). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: Uma teoria crítica da televisão brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996.

